

# GALERIA THEATRAL.

## JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. — Por semestre: 600 — Por trimestre: 300 — Avulso 20. rs.

### GALERIA.

#### THEATRO DE S. CARLOS.

A *Linda* continua neste theatro a chamar a concorrência e a acceitação do publico, e os artistas a agradar cada vez mais. E' sobremaneira delicada toda a musica, que revella sempre maiores bellezas, quando mais se vae ouvindo.

A musica porém em S. Carlos cede hoje o seu lugar á dança. A attenção dos frequentadores está toda dedicada ás dançarinas do reino visinho, que em consequencia d'um protocollo do sr. Corradini, intervieram para a conservação do esplendor coreografico do nosso theatro lyrico. São lindas, dizem uns, são mal feitas, respondem outros; tem muito mimo na dança, exclamam os mais arrebatados, e já se contam anedoctas das seductoras hespanholas, que deixam a perder de vista as mais velhas chronicas de Castella e Leão. Tem havido até quem ande sempre atraz das fêras andaluzas a vêr se por ventura lhe vê cabir da liga o afiado punhal. Podem gabar-se que tem já concorrido para alimentar mais d'uma conversação animada.

Veremos a sua dança, e analysal-a-hemos.

#### THEATRO DE D. MARIA II.

##### A CRUZ DE S. LUIZ, OU UM JURAMENTO DE HONRA.

O terceiro acto deste drama é passado no pateo de uma estalagem, onde o barão é obrigado a entrar, em consequencia de haver tombado a carroagem, que o conduzia a Pariz. Luiza, Guilhermina e Camilla acompanhavam o barão. Chegados á estalagem, Camilla declara solemnemente ao barão que Guilhermina não pôde acompanhal-o, e que todos devem esperar alli pela duqueza. Nem o barão nem Guilhermina querem obedecer a Ca-

milla, e esta levada ao ultimo extremo é obrigada a declarar ao barão e a Guilhermina que o seu casamento é nullo, porque um homem não pôde casar com outro homem.

Ao ouvir estas palavras a supposta Guilhermina quer immediatamente usar dos trajes que pertencem ao seu sexo, e o barão fica oorrido de vergonha.

Guilherme aproveita um momento em que está só com Luiza para lhe revelar o segredo, e desde logo lhe faz a confissão de que é seu amante. Daguinot apparecendo, quando o joven duque, de joelhos beijava, transportado de amor, a mão de sua prima, julga confirmadas todas as suas suspeitas. O duque vem depois em companhia da duqueza: esta debalde pede a seu filho não divulgue quem é, e principalmente diante de Daguinot. Na presença mesmo da duqueza o capitão solta algumas expressões ácerca do fallecido duque, expressões que excitam a cholera de Guilherme, que promete vingar-se.

Retiram-se todos, mesmo Daguinot, e quando a duqueza julga que seu filho está recolhido no seu quarto, vem este, vestido com o uniforme do irmão de Luiza, apresentar-se a Daguinot. Trocam-se algumas expressões: Guilherme offerece o duello ao capitão pela affronta que este recebera de seu pae; Daguinot não aceita, dizendo-lhe que é ainda muito criança; o duque porém arremessa-lhe uma luva á cara, e esta nova affronta, faz com que Daguinot não recuse batter-se. Saem então.

A duqueza, que não achara a seu filho no quarto, vem procural-o, e encontra Daguinot, a quem pede lhe restitua seu filho. Então apparece Guilherme, o duello já tivera logar, e o duque ficara ferido n'um braço.

A acção acaba promettendo a duqueza a Guilherme a mão de Luiza, e Daguinot torna a usar da cruz de S. Luiz, que havia dezoito annos não trazia, e que o duque Guilherme, pelas suas proprias mãos lhe pôe no peito.

Sem duvida que todos os actores entram bem: distinguiram-se a sr.<sup>a</sup> Talasi, e os srs. Epifanio, Theodorico e Roza: no entanto as honras deste drama pertencem ás sr.<sup>as</sup> Soller e Barbara.



A sr.<sup>a</sup> Soller, comprehendeu com tanta perfeição o seu papel, que julgamos inutil tudo que dissermos a seu respeito. O publico viu, o publico admirou, e a distincta actriz recebeu, nesta occasião, mais uma prova de que o seu talento é devidamente avaliado.

A sr.<sup>a</sup> Barbara desempenhou o seu papel com tanta graça, e de maneira tão chistosa, que bastava apparecer em scena para desafiar a hilaridade e os applausos do publico.

O drama tem merecimento, e é digno de vêr-se.

Foi novamente hontem á scena o *Templo de Salomão* em beneficio da sr.<sup>a</sup> Soller. O publico concorreu em força a vêr a sua peça mais estimada, e a ouvir a actriz, que tanto lhe agrada. A sr.<sup>a</sup> Soller foi coberta de corôas, de flores, e de applausos. As musas tambem fallaram em louvor da artista, e entre diversas poesias, que choveram sobre a platêia, podêmos apanhar a seguinte, de que damos conhecimento ao publico:

A' SR.<sup>a</sup> JOSEFA SOLLER.

Na noute do seu beneficio.

(Janeiro 26 — 1850.)

A'vante, ó nobre artista! Artista avante!  
Teus passos guia o facho da victoria;  
Incruenta victoria, que, em seus braços,  
Não sangue, mas só lagrimas dão gloria.

Lagrimas ternas, que o sentimento apura  
A' realidade as leva uma illusão;  
Choram magoas, mas são orvalho d'alma,  
Magoas tiram, mas vêem do coração.

Ante o esposo surgindo anciosa e fêra  
Ante o pae arrastando o teu delicto,  
Viu-te o publico, á propria natureza,  
Uzurpar a expressão, roubar o grito.

SUZANA, teu talento ameno e grave  
Em novo aspecto novamente brilha;  
As almas prendes, os affectos reges...  
Tu és mãe, como foste esposa e filha!

## VARIÉDADES

### O TARTUFO

Comedia de Moliere, em cinco actos.

(Continuação.)

Por fim passados dous annos, o rei consentiu

que o *Tartuffo* subisse á scena. Por tal motivo recebeu Molière muitas felicitações, e os seus proprios inimigos lhe deram testemunho da sua satisfação. Eram estes os primeiros a dizer que o *Tartuffo* era uma dessas excellentes peças que põem a virtude em todo o seu brilho. «Isto é verdade, respondia Molière, mas sei quanto é perigoso interessar-se pela virtude: pelo preço que ella me custa, já por muitas vezes me hei arrependido de assim o ter feito.»

«Eu tinha, diz *Menage*, ouvido ler a Moliere tres actos do seu *Tartuffo*, em casa de Montmór, onde tambem estavam M. Chapelain, o abbade de Marolles, e outras pessoas. Disse ao primeiro presidente Lamoignon, quando elle prohibiu a representação, que aquella peça era de uma excellente moral, e que nella não havia nada que deixasse de ser util ao publico.»

Quando Moliere opresentou o seu *Tartuffo* perguntaram-lhe "porque se mettia elle a fazer sermões? — E porque será permitido, respondeu elle, ao padre Maimbourg apresentar comedias no pulpito, e se não consentirá que eu faça sermões no theatro?"

O celebre padre Bourdalouc foi um dos que declamaram contra o *Tartuffo*, e nota-se a seguinte passagem no seu sermão da septima domingo:

«Como a verdadeira e falsa devoção tem não sei quantas acções, que lhe são communs; como os exteriores de uma e outra se assimilham muito, não só é natural, mas até necessario que o motejo, que ataque a um, interesse ao outro, e que os traços com que se pintam esta; interessem tambem áquella; e eis o que acontece quando os espiritos profanos tem emprehendido censurar a hypocrisia, fazendo conceber injustas suspeitas da verdadeira piedade, pelas malignas interpretações que se fazem á falsa. Eis o que teem pretendido, expondo no Theatro e á irrisão publica, uma hypocrita imaginario, mettendo nelle a ridiculo as cousas mais santas; fazendo-o censurar de um modo estravagante os escandalos do seculo; representando-o consciencioso até o ponto da delicadesa e do escrupulo, nas cousas menos importantes, no entanto que se deixa hir até aos crimes de maior enormidade; apresentando-o sob um rosto de penitente que unicamente serve para cubrir as suas infamias; e dando-lhe a seu capricho, um caracter de piedade muito austera, mas, no fundo, o mais mercenario e fraco possivel.»

La Bruyere, traçando o caracter do falso devoto no seu capitulo da *Moda*, intentou criticar o *Tartuffo*. Só apresentaremos ao leitor os traços mais salientes desta passagem. E' a seguinte:

«Onuphre não diz o meu cilicio e a minha disciplina: pelo contrario passaria pelo que é, por um hypochita; e elle quer passar pelo que não é, por um homem devoto. Se elle encontra um opulento a quem soube impôr, não adula a sua mulher; e até está bem longe de empregar para a lisongear a lingoagem do devoto. Não é portanto por habito que elle falla, mas sim por calculo, e segundo a sua utilidade, e nunca quando lhe ser-



visse para o ridicularisar. Não pensa aproveitar-se da herança do seu amigo, nem levar-o a fazer-lhe doação de todos os seus bens. Nunca se insinua n'uma familia onde haja ao mesmo tempo uma filha para casar, e um filho para estabelecer, porque estes direitos são mui fortes e inviolaveis.»

Tinha-se dado licença para o *Scaramouche Hermita*, se representar no theatro, peça muito licenciosa, na qual um hermita, vestido de monge, sôbe de noute por uma escada, e apparece de tempo em tempo, dizendo: » *Questo per mortificar la carne*. Esta peça foi representada na côrte e quando ella acabou disse o rei ao grande Condé: » Sempre desejava saber porque motivo as pessoas que se escandalisam tanto da comedia de Moliere, nada dizem da de Scaramouche? Ao que o principe respondeu: A razão, senhor, é porque a comedia de Scaramouche representa o Ceu e a religião, e estes senhores não se intromettem muito com isso; porém a de Moliere representa-os a elles proprios, e isso não podem elles soffrer.»

Moliere empregava muito cuidado na representação das suas peças, e jogo de scena dos seus camaradas. Vê-se uma imagem fiel no *Imprompto de Versailles*. Nada que podesse tornar a imitação verdadeira e mais sensível escapava á sua attenção. Obrigou sua mulher, que estava mui paramentada, a mudar de vestido, por não convirem adreços no padel de Elmira convalescente, que ella devia representar no *Tartufo*.

---

Não julgamos improprio da *Galeria* o transcrever alguns excerptos do nosso bem conhecido critico José Agostinho de Macedo. Por estes fragmentos se poderá conhecer o que era entre nós o theatro, ainda ha poucos annos.

*Carta 2.<sup>a</sup>, escripta pelo doutor Manoel Mendes Fogaça, a um seu amigo transmontano, em que lhe dá noticia de outra comedia que vira representar.*

MEU BOM AMIGO.

E' verdade que vos disse na minha primeira, que nunca mais me exporia a golpes de theatro; os encommodos são muitos dentro, e fóra d'elle; as costellas amolgadas na platêa, a repentina sahida de uma estufa affrontadora, para um ambiente frigidissimo, o perigo nada remoto de chegar (ou não chegar) a casa com menos roupa, menos pezo na algebeira, e até com menos dentes, e menos orelhas, além da mortificação intoleravel de cinco horas, de escutar altissimas parvoices, de ouvir cantorias de finados, e de observar pinotes desenca-brestadissimos, tudo isto junto me devia obrigar a dar-me por satisfeito da primeira, e a não en-

trar em segunda. Mas os nossos propositos tem pouca firmeza, quando a violentissima tentação de um cartaz de comedia, que toma uma esquina toda de cabo a rabo, desafia, e titilla a nossa curiosidade. Com effeito, um cartaz é um verdadeiro prestigio, se ha bruxaria no mundo é o Diabo de um cartaz de comedia. Para lêr os outros cartazes, noticias, e avisos de quem achasse, e nunca de quem perdesse, é preciso chegar-se a gente ao pé, e muitas vezes pôr oculos; para lêr um cartaz de comedia, não é preciso nada disto, quem estiver em Cacilhas lêr perfeitamente, sem lhe errar um ponto, os que se pregão no Malcozinhado são uns lençoes de casados, e quando é dia de beneficio é o cartaz como a véla grande da náu Centauro. As letras são os arcos das agoas livres, o estillo é o ultimo apuro da eloquencia aziatica. Vós, meu bom amigo, ides já conhecendo o que vos quero dizer na minha, que cedi á tentação de um cartaz. Sim, cedi, e quem está neste mundo não póde dizer desta agoa não beberei. Foi a minha estrella, aquelle astro desastrado que tem feito muitas vezes que eu na cama quebre as pernas, que me obrigou a sahir cedo, e a encontrar na esquina da rua do Lambaz um galego com um bião de papas, um pincel de caiar, e uma bala de papel ás costas, forrando aquella esburacada esquina. Acabou a operação cheguei, vi... Ah! Era um papelão com dois triangulos romboides, um de pernas para cima, outro de pernas para baixo, um azul infernal, outro amarelo inferior, e por baixo resaltavam letras verdadeiramente gordas, que diziam... (o author dos cartazes sempre é um genio anonymo, mas de conhecida eloquencia theatral) que diziam. — Hoje mesmo que se hão de contar, se exporá ao meritissimo vulgo cousa nunca vista, nem sonhada. Em beneficio de Megêra se representará — O Tyranno parvoinho — Este homem da mais conhecida paxorra, e mansidão andarâ pela scena sem fazer nada, até que entrepican-do caia por um boraco abaixo. A Bruxa Adella andarâ para cima, e para baixo, á roda dos bastidores, e o jardineiro Alfeno, depois de chegar em um barco d'agoa acima, será rei sem ninguem o fazer. D. Macaria, largando um quarteirão de rapazes da corta piza da saia, se retirará, e o sabio Ouriço, seu esposo, ficarâ maneta em uma batalha que se não deu. No fim do primeiro acto cantarâ Tisifone uma cavatina lugubre, que durará hora e meia, advertindo o respeitavel publico, que uma dôr no osso sacro a obriga de continuo a descrever com o espinhaço uma curva parabolica, accidente com que mostrarâ a sua gratidão, e cortezia. O assumpto deste drama é todo elle magico e feito por maquinismo de cordel. Elle será scenisado, e embellesado com as decorações competentes. Repetir-se-ha a muito applaudida vista da terrina, e da commoda encantada. Ao pé de um jardim se verâ, pela primeira vez, todo o Oceano Glacial, e virâ por elle abaixo uma baleia, chamada por Lineo, a baleia cabeça de vacca, com um bote pequeno ás costas, e ao pé da baleia caminharâ uma falua com um moiro de Granada. No mesmo Oceano haverâ uma escadinha de pedra, para maior commodo dos



passageiros. O author desta incomparavel peça, protesta ter achado o seu programma na casa dos doidos. A beneficiada, grata á tempestade de es- toiros com que tem sido acolhida, rematará o es- pectaculo com um dueto em que fallará ella e Sa- tanaz, e protesta fazer fazer arripiar todos os srs. espectadores. No fim de quasi tudo, e virá a *Par- teira* (entremez antigo). Este é o memorando es- pectaculo que abrilhantará por uma vez a scena, abrilhantada já por tantas, pelo mesmo genio abri- lhantador, unica cousa que nós cá temos em ma- terias do brilhantismo da scena, protestando em um ultimo resumo que não é de sua intenção lan- çar mão daquella critica pessoal, que tanto des- brilhanta a referida e sobredita scena. Ao levantar do panno se começará a peça. — Ah! meu bom amigo, isto eram mãos perdidas, e onde vai o pião vá o ferrão. Preparei-me com o maior alvoroço, e apresentei comigo na platéa superior, onde chamam a assignatura, lugar de gente escolhida, gente dis- creta, gente que gasta a sua vida naquella boa es- chola da virtude, e dos costumes, gente instruida na intriga politica dos camarins, gente avaliadora do mérito abrilhantador, gente que vê de noite, e gente que sabe até quem pagou a torrinhã áquella gente que tanto estrago faz na gente. Em fim, eu fui o primeiro que entrei já com bom chocolate nestas tri- pas, e ao pé de mim se sentaram dous, ambos poe- tas, mas um delles grande politico, e disse que fôra convidado para fazer um elogio de gratidão para aquella mesma peça. Ora crêde meu bom amigo, que este fortuito encontro me foi mais agra- vel ainda que depois a representação em que eu e elles discorremos largamente, como logo vereis. O peccado original dos poetas é repetirem a torto e a direito o que compõe, e eu vi um que indo dar os pezames a uma familia que ainda tinha o de- funto em casa, repetiu áquella consternada gente um dithyrambo ao vinho de Carcavellos, ajuntan- do-lhe elle de sua invenção rizadas que se mistu- ravam aos ais daquella afflictiissima familia. Os meus bons visinhos não se callaram nunca; e como a representação começou tarde, tiveram elles largo tempo de discorrer, e eu de ouvir. Eu não acabei o meu elogio, dizia o tal, porque estive a pôr a ultima lima á minha tragedia, intitulada *Thomazta Massacrada*, ou *Arcadio Ocioso* — só fiz o cabeça- lho para o elogio, que começava. . . . . inda me lembra:

Furias, Cerastes, Górgonas, Diabos.

Não quero mais, disse o outro, estendendo um par de beiços que pareciam duas pranchas de vinhatico, fôra com o elogio! Isso leva muito aplauso, mas eu não quero mais. Então me metti eu com muita humildade, pois estava na presença de taes poetas, e lhe disse, eu sr. como sou de provincia desejo admirar os prodigios da côrte, para contar aos meus visinhos, se me fizesse a mercê de repetir. . . . Não foi preciso mais rogos, voltando-se para mim, e deixando o outro que ainda estava de beiço, continuou:

Furias, Cerastes, Górgonas, Diabos,  
Jove foi grato á gratidão dos Numes,

Vós nos sulfureos, auri-verdes lumes,  
As cabeças mettei, mettei os rabos.  
Hoje Megera a gratidão conhece,  
E á corja furial esmaga a frente;  
E nas margens do Tejo, auri-luzente;  
Qual cheiroso ananaz, viceja, e cresce.

(Continuar-se-ha).

## ESPECTACULOS.

### THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 27, opera = *Norma* = dança = Um novo bailado em caracter hespanhol, intitulado = *Varição de Lendeta* — composto pelo sr. D. Felix Moreno, em que debutam algumas bailarinas hespanholas, e entram a sr.<sup>a</sup> Moreno, Devecchi e segundas bailarinas. Tambem haverá um passo a dois dançado pela primeira bolera sr.<sup>a</sup> Dolores Monto- ra, com o compositor, intitulado « *Malaguena* »

### THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 27, irá á scena com todo o seu es- plendor — *O Templo de Salomão*.

Terça feira 29 — *O Templo de Salomão*.

### THEATRO DE D. FERNANDO

Domingo 27 de Janeiro, a 1.<sup>a</sup> representação neste theatro do drama em 3 actos — *O Peregrino Branco ou os Meninos d'Aldéa* — O drama de gran- de espectáculo em 4 actos — *Simão o Ladrão*.

Terça feira 29 de Janeiro, o drama em 5 actos — *O Castello de Montlouvre*. — A comedia em 1 acto — *Rua da Lna*

### THEATRO DO GYMNASIO.

Domingo 27, de Janeiro, a 2.<sup>a</sup> representação da comedia em 2 actos — *Um Casamento por Fome*. — *O Ensaio da Norma* — farça lyrica. — *Um Aguacei- ro* — em 1 acto. — *As Pequenas Misérias* — em 1 acto.

Sagnda feira 28 de Janeiro, a 1.<sup>a</sup> represen- tação da tragedia em 3 actos, por um anonymo — *Fabia* — *Um Casamento por fome*, comedia em 2 actos. — *O Ensaio da Norma* — farça lyrica em 1 acto.

N. B. De hoje em diante ha representação todos os dias até ao entrudo.